



Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Glesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha 4\$000 rs.—Número avulso 200 rs.—
Com estampilha 5\$000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 15\$000 rs.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 60 c. Repetição, 50 c.—Comun. ou reclamaes, linha 25 c. Imposto do sello, cada publicação. 6 c.—Anuncios particulares: l. 30 e 25. Reclames a obras literarias med. um exemp. Não se restituem originaes

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

«REDACCAO DO ESPOZENDENSE»

A LUZ

Esta vila tem um edificio escolar como poucas terras do paiz. De construção sólida e estética, este edificio tem amplas salas com abundante luz e ar. Pena é que éle esteja todo a desmantelar-se, sem vidraças e sem cal, com a ameaça de, em breve, não ter teto nem sobrados. Então ficarão só as paredes altas e negras, como um fantasma de maldição e remorso, a acusar a incúria e impiedade do eterno Terreiro do Paço.

Em perfeito paralelo com o estado material do edificio está a frequencia escolar. Esta de manhã não é demasiada, e de tarde, é insignificante. Uma das causas desta desolação é o horário escolar. Provo-o a irrisória frequencia de tarde. Os factos são factos, e eles dizem o que acima fica declarado. Os factos são gente que fala e fala a verdade. Há aulas que, as vezes, de tarde, funcionam com 3 e 4 alunos, sem que os professores disso sejam culpados. E essas aulas teem 40 e tantos alunos matriculados. Isto faz chorar o coração mais frio. Isto é impossível que se esteja a dar com o dinheiro que o povo ganha e paga.

O horário usado nesta escola divide a aula em 2 periodos: de manhã e de tarde. As crianças devem entrar, respectivamente, ás 9 e 1 e meia para sahirem ás 11 e meia e 4 da tarde. Este horário é a contradição do provérbio inglês: «time is money». Pretende occupá-las o dia inteiro com trabalho escolar, não as deixando trabalhar. Inutiliza-lhes o estudo e o trabalho. Se trabalham não vão á aula. Se vão á aula não trabalham. Por isso muitas nem trabalham nem estudam: brincam. E' o que se está a ver, e vê-o quem tem olhos de ver.

E' encantador contemplar o que diariamente se passa nesta vila. Devido ás 2 entradas e 2 saídas

da aula, que nem sempre são exactas pela pontualidade dos alunos e por outros motivos que, não uma crassa estupidez, mas só uma alta mentalidade pode adivinhar, estabele-se — o motus continuus — de crianças, de sacas as costas, ora para baixo, ora para cima, ora para cima, ora para baixo. Desde a manhã até á noite é o ferbet opus do Mantuano. E' o entres e saio eu. E' a confusão. E' a Babilónia. E' o vai-vem. E' o cordão das processionárias nos pinhais nos dias primaverais.

Durante as múltiplas entradas e saídas, e até durante as aulas, é belo observar o que se passa. Por qualquer canto se vêem crianças, de apetrechos ás costas, a fazer buracos na terra para jojar o botão, ou a olhar para o rápido andar do pião, na mão, em profundo estudo e meditação dos movimentos simultâneos de rotação e translação da Terra.

Outras, com as sacas em montão, entregam-se ao jôgo do foo-ball, macaca ou cabra-cega. E isto em completa e natural coeducação, que muitos só temem nas escolas, onde há professores que orientam, reprimem as más inclinações, fazem brotar as virtudes, formam o carácter, a alma e o coração.

Também se algum mortal tiver a ventura de em algum dia de sol ir ao campo aspirar o perfume das flores, ou extasiar-se, perante o leve e doce bater das águas do mar nas areias da praia, ou ainda contemplar, absorto, os eternos e amorosos abraços e ósculos das águas da terra e do Oceano, em completo contraste com o amor da humanidade que se deglacia e mata, verá no seu trjecto, á borda do rio, dezenas de crianças; fugidas á escola, á caça de carangueijos e rãs, e, nos camiuhos, outras com sardões e lagartixas presas por fios, tangendo-os pelo chão, como quem leva um boi ou um bácaro para o mercado.

E tudo isto devido ao belo e encantador horário. Ao horário

da preguiça e da comodidade. Ao horário do botão, do pião, do football, da cabra-cega e da macaca. Ao horário do abandono da escola! Ao horário da nossa vergonha!

E terminarei, por hoje, invocando os tempos da minha infancia, esse tempo em que o trabalho da criança não tinha valor, e eu não tinha aula de tarde, com esta quadra:

O bom Demócrito ria
Do que a nós nos causa dor,
Vamos nós também senhor,
Fazer o que éle fazia.

Comment le monde marche!
Espozende, 20-11-923.

J. M.

Pró-FÃO

CARTA

Snr. Director do
«Espozendense»

(Continuação)

Fão, porisso, não está só, não está ainda lançado ao ostracismo, como costume dizer-se; falta-lhe apenas uma communhão de pensamentos firmes para o mesmo ideal de bem levar ávante todos os empreendimentos grandiosos, que se tornariam um facto, se todos se compenetrassem dos seus deveres como cidadãos patriotas e como filhos queridos das terras que escolheram para residencia.

Fão, ainda em nossos tempos, abriu avenidas, traçou estradas, levantou edificios importantes, montou industrias, creou escolas, ergueu casas de caridade, ra-gando assim, com o sacrificio do amôr e a dedicação pelo trabalho, as densas trevas dessa nuvem negra que pesava sobre esta povoação, ha muitos seculos circunscripta apenas á industria de construções navais e á sua industria subsidiaria de cordoaria. Por-

que Fão, ainda possuindo no momento actual os melhores estaleiros do paiz, onde nunca deixou de ter em construção duas, trez e mais embarcações de grande calado, com um pessoal trabalhador avultado e proficiente, — navios que tem merecido sempre as mais elogiosas referencias dos seus armadores, em toda a parte, pelo seu bom e perfeito acabamento e pela grande solidez da sua construção.

Fão possui um esplendido edificio moderno para as escolas primarias de 1.º e 2.º grau, com um professorado distintissimo que honra sobre-modo a classe primaria portugueza e de cujas Escolas tem saído centenas de alunos que hoje bendizem e attestam a superior mentalidade de tão illustres professoras, obreiras valiosas da Educação proficional do nosso paiz e autenticos modelos de educadoras. Fão deve estas Escolas ao seu eximio filho, patriota e benemérito insigne, que em vida se



chamou Amorim Campos, — que as mandou construir á sua custa e as dotou com todo o material necessario, fazendo entrega de tudo á Junta de paróquia, sem outro fim que não fosse o seu grande amor á terra, em que nasceu, desenvolvendo por aquele meio a instrução popular. Temos ahí esse padrão, perpetuando aos

vindouros a sua generosa magnanimidade e a sua saudosa memoria—*Escolas Amorim Campos*. Que o estímulo deste illustre fãozense sirva de incentivo para os da geração nova.

(Continua).

*

* *

Para o Porto foram na 2.^a feira o sr. J. J. Soares Estanislau e ex.^{ma} irmã D. Belmira.

Tambem na mesma cidade esteve na semana passada o nosso amigo sr. J. Pinto de Campos.

Em Braga esteve ha dias o nosso amigo sr. Dr. Henrique de B. Lima distinto medico municipal.

Vimos entre nós, no domingo, o sr. Avelino A. Faria habil farmaceutico na Povoia de Varzim.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO D'ESPOZENDE

(Continuado do n.º 812)

Antonio Martins Gajo, filho do antecedente, foi capitão-mór de Villa do Conde, por graça de D. Duarte (1); e tanto se adiantou em merecimentos guerreiros nos estados da India, que foi armado cavalleiro na Africa, pelo capitão Luiz Loureiro, cuja graça foi confirmada por el-rei D. João 3.º em 1546. **Foi senhor da casa da Fervença e da honra de Palmeira do Faro**; (2) serviu a el-rei D. Sebastião com algumas galés, náos e artilheria, á sua custa; foi nomeado capitão de galés, e tirou brazão dos Gajos e Maias, por decreto de 2 de abril de 1578. (3)

Manoel Gajo (Manoel Felgueiras Gayo, senhor da casa da Fervença e companheiro de el-rei D. Sebastião na infeliz jornada d'África, como consta de documentos pertencentes ao archivo da mesma casa da Fervença, filho do antecedente, foi moço da camara e fidalgo da casa real; serviu os reis d'este reino em varias occasiões, com notavel valor; e afinal foi captivo na batalha d'Alcacer, (E' certo que n'estes documentos não se diz

(1) Não pôde ser D. Duarte (1433-1438). Esta graça só lhe podia ser conferida por D. Manoel I (1495-1521), ou seu filho D. João III (1521-1557).

(2) Elle e sua mulher D. Maria Felgueiras de Valadares foram os instituidores do morgado da Fervença, na freguezia de Gilmonde, em Barcellos, e tambem os que emprazaram ás freiras do convento de Santa Clara de Villa do Conde os maninhos de Palmeira do Faro e a casa que tinham na Barca do Lago, em Gemezes, que ultimamente possuiu a ex.^{ma} snr.^a (já falecida) D. Rosa Maria do Lago Felgueiras Gayo, viuva de José Machado Paes de Araujo Felgueiras Gayo, proenitorea do actual sr. Visconde da Fervença, natural da freguezia de Palmeira do Faro.

(3) GAIJO: em campo de prata trez arminhos de negro postos em faixa, chefe partido em pala; na primeira em campo vermelho um castello de ouro e na segunda em campo de ouro quatro bastões de sanguinho em pala.

MAYA: em campo de púrpura uma aguia de ouro, armada, bicada e golada de ouro e elmo de aço aberto.

Timbre: um castello de ouro sabindo do alto d'elle um estancarte de prata arminhado com haste de ouro.

B. Antas da Cruz.

que Manoel Felgueiras Gayo morrera, mas sim que ficara captivo na batalha d'Alcacer; é, todavia probab'issimo que não sobrevivesse ao terrivel desastre, porque, sendo o filho primogenito de Antonio Martins Gayo e de sua mulher D. Maria Felgueiras de Valladares, e devendo, por este motivo, succeder em toda a casa vincular de seus paes, não foi elle o successor, mas sim seu irmão immediato João Felgueiras Gayo).

Viveu em Lisboa, onde teve casas na rua da Palma, com armas dos Gajos.

(Continúa)

B. Antas da Cruz.

Os Milagres do Amor

Encantador volume o que nos é enviado pelo correio, editado pela popular e muito conhecida livraria portuense, de Tavares Martins, estabelecida na rua dos Clerigos, n.º 12, Porto, cujo titulo emocionante nos revela uma lindissima novela sobre o amor, que Morden, o festejado autor da «Alegria do Viver», tambem soube descrever.

Os Milagres do Amor, que acaba de ser traduzido por um dos nossos mais illustres homens de letras, José de Queirós, e está lançado no mercado litterario em formoso volume de 228 paginas em magnifico papel e primorosa impressão, vae com toda a certeza fazer as delicias do grande publico lêdor de bons livros e ter uma venda extraordinaria, atendendo ao seu insignificante custo, 6 escudos brochado.

Pedidos á «Livraria Tavares Martins, rua dos Clerigos, 12 Porto, ou á nossa livraria que se encarrega de pedir o envio do volume sem aumento de preço.

Em outro logar vae o respectivo anuncio.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Aos snrs. assinantes do Brazil tambem pedimos que nos enviem os seus debitos da melhor forma que lhes convier para assim receberem pontualmente o nosso semanario, o que desde já agradecemos.

INSPEÇÃO AOS GENEROS DE CONSUMO

Sabemos que já foram visitados varios estabelecimentos para se averiguar se estes tinham generos a venda improprios de consumo. Parece que não se encontraram generos avariados como se dizia.

E' que ao robate dos jornaes era possivel que eles desaparecessem.

INDICAÇÕES UTEIS

S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz houve por bem declarar que, a partir do dia primeiro do proximo mês de janeiro, todo o clero do Arcebispado **deverá** na recitação do officio divino usar exclusivamente do Breviario bracarense e não do Breviario romano. Quanto ás cerimónias na celebração da santa missa, **poderá** seguir um resumo que brevemente será publicado.

Como prescrição, ou como ordenação, trata-se apenas da recitação do officio pelo breviario bracarense.

E' a mesma doutrina da Bula de Bento XV *Sedis Hujus Apostolicae*: «... em virtude destas nossas Letras, ordenamos e mandamos que todos e cada um daqueles que no Arcebispado de Braga são obrigados a recitar as Horas Canônicas usem d'este Breviario como próprio e revisto com a Nossa autoridade.»

E mais nadá, como ordem.

Caminho de ferro

Os jornaes da semana ultima deram-nos a noticia do entrave que a direção dos caminhos de ferro da Povoia ao Porto quer pôr á efectivação da linha ferrêa da Povoia - Espozende, Barcelos-Braga, o que deveras é para lamentar.

Parece impossivel que esta companhia ha 26 anos só agora acordasse do profundo somno em que jazia.

Isto não pode ser.

A região por onde deve passar a nova linha vae fazer valer os seus direitos protestando energicamente.

Vimos entre nós nos ultimos dias da semana finda, o nosso velho amigo sr. Alfredo Arthur Taborda, habil comerciante na cidade do Porto, onde já regressou.

*

Esteve tambem em serviço forense nesta vila o distinto causidico barcelense, dr. Sá Carneiro.

ANNUNCIOS

Comarca de Espozende

EDITOS DE TRINTA DIAS

1.^a publicação

POR editos de trinta dias, a contar da ultima publicação d'este anuncio no «Diario do Governo», são citados os transgressores executados—João Rodrigues Lapeiro, Manoel Pires, Domingos da Silva, José Joa-

quim Gonçalves dos Santos, José Alves Parranhos, da freguezia de Antas;—Antonio da Silva Ramos, Antonio Carvalho, Ignacio dos Santos, Antonio Julio, estes da freguezia de Apulia;—José da Costa Ferreira, Manoel Fernandes de Sá—Francisco Leite, estes da freguezia de Belinho;—Nuno Alves Zamgaio, Antonio José Fernandes Junior, João Pires, estes de Espozende; Manoel Martins, Marcelino José Padrão, José, filho de Manoel Francisco e de Maria dos Santos Clara; Manoel, filho de Domingos Rodrigues Martins e de Maria da Rocha, estes da freguezia de Fão;—Joaquim Alves Rôlo, José de Sá Fernandes, Joaquim José Ribeiro Lima; estes da freguezia de Forjães;—Manoel José do Vale, Anselino do Vale, Eduardo dos Santos, estes da freguezia de Gemezes;—Manoel Alves, Afonso Henriques de Castro, Manoel de Almeida, José Dias, Antonio Manoel, estes da freguezia de Mar;—Manoel Vila Chã, Joaquim Gomes, Manoel Antonio Ferros, Manoel Arandas, Manoel Izidoro de Pina, estes da freguezia de Marinhãs;—Salvador Francisco Alves, da freguezia de Palmeira;—Eduardo Mendes Neves, da freguezia de Rio Tinto;—e Ventura Barbosa Balthazar, da freguezia de Vila Chã, para, no prazo de dez dias, findo o dos editos, paguem a multa em que incorreram e lhes foi imposta por faltarem á revista de inspecção no ano de 1921 e custas acrescidas, ou nomearem bens á penhora suficientes para tal pagamento, sob pena de se devolver esse direito ao Ministerio Publico, e se seguirem os ulteriores termos da execução até final.

Espozende, 11 de Junho de 1923.

O Juiz de Direito, Flores
O escrivão do 1.º officio,
Manoel Fernandes da Costa Lima.